

COMPETÊNCIAS MUDIÁTICAS E MPOX: CONSIDERAÇÕES PARA UM CONTEXTO DE (DES)INFORMAÇÃO¹

MEDIA COMPETENCES AND MPOX: CONSIDERATIONS FOR A CONTEXT OF (DIS)INFORMATION

MAURÍCIO JOÃO VIEIRA FILHO²

ADRIANA HELENA DE ALMEIDA FREITAS³

RESUMO

Doenças como a Covid-19 evidenciaram a severidade das desinformações e da disseminação de informações imprecisas nas mídias e plataformas digitais. Em 2022, a mpox ganha destaque no cenário mundial, embora esteja envolta por estigmatizações e patologizações de pessoas homossexuais. Nesse sentido, questiona-se: como o olhar crítico da literacia midiática pode apontar para competências necessárias de serem evidenciadas num cenário de desinformação e estigma, principalmente quando percebemos essas ações sendo propagadas por órgãos oficiais? Objetiva-se, assim, discutir como a literacia midiática pode potencializar a apreensão crítica sobre as informações e desinformações sobre o mpox. Por meio da perspectiva indiciária (Braga, 2008), avança-se teoria e metodologicamente com as cinco competências midiáticas propostas por Paul Mihailidis (2014) — acesso, compreensão, avaliação, apreciação e ação — como um constructo norteador para entendimento de contextos de doenças, direcionando, fundamentalmente, aos discursos da Organização Mundial da Saúde (OMS). Conclui-se que a literacia midiática se torna aliada para evitar que perigos, como notados nas falas oficiais da OMS, sejam apenas reproduzidos como preconceções, e não questionados pela população, de forma ponderada, assim como na reivindicação de políticas públicas de atenção para pessoas em condições potenciais de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Literacia Midiática; mpox; (Des)Informação; Discursos; Sexualidade

Introdução⁴

A pandemia de Covid-19 escancarou graves problemas de disseminação de dados, notícias e mensagens incorretas, manipuladas, sem checagem ou apuração precisa, que circularam e tomaram rumos inesperados na sociedade. Desde medicamentos sem comprovação científica

- 1 Este artigo foi apresentado no IV Encontro Nacional sobre Discurso, Identidade e Subjetividade (ENDIS) e publicado nos anais do evento. Para este dossiê, revisamos o material e aprofundamos as discussões apresentadas.
- 2 Professor substituto na Faculdade de Comunicação (Facom) e doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente, é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e jornalista graduado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Desde 2019, é integrante do grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença.
- 3 Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). É integrante dos grupos de pesquisa DIZ - Discursos e Estéticas da Diferença e Pólen - Laboratório de Experimentação em Comunicação e Organizações. Se dedica a investigar temas que tangenciam a comunicação em interface com a educação e saúde.
- 4 Durante o desenvolvimento desta investigação, a nomeação da doença passou por mudanças e foi estabelecida, pela OMS, mpox. Outras identificações, como monkeypox, são consideradas estigmatizantes e preconceituosas. Contudo, optamos por mantê-las para preservar os originais e o modo como foram enunciados naquele contexto.

para o controle da doença até mentiras sobre a evolução do quadro da Covid-19, o problema se tonificou de tal forma que coloca em risco a vida das pessoas. Com o compartilhamento instantâneo em plataformas digitais, o alastramento da desinformação se espalhou como um rastilho de pólvora pela sociedade, gerando consequências diretas para todas as pessoas.

Apesar de ser um fenômeno antigo, os riscos que esse cenário potencializou pelo elevado número de conteúdos e discursos nos apontam para uma *epidemia de (des)informações*. Reconhecida recentemente como uma nova palavra da língua portuguesa, a *infodemia* adquire significado mais preciso com a emergência da Covid-19 e aponta para os desafios que nos demandam social e politicamente para uma educação midiática. O conceito de infodemia foi estabelecido no surto da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) em 2003. Hoje, define-se como o excessivo conjunto de informações, sendo que muitas delas são mentiras, equívocos ou apontam para a ausência de rigor sobre um assunto. Uma de suas principais características é o rápido compartilhamento e a dificuldade para controlar seu alcance, trazendo desorientação, falta de acesso a fontes confiáveis e checáveis e danos às pessoas como consequências diretas desse fenômeno.

Segundo Nascimento *et al.* (2022), as infodemias em tempos de crises sanitárias provocam consequências de distintas ordens e, para lidar com elas, é fundamental um conjunto de práticas como a constituição de políticas públicas no âmbito jurídico, o desenvolvimento de campanhas conscientizadoras, um cuidado maior dos meios de comunicação, assim como a preocupação com a literacia midiática e digital para os indivíduos. Como destaca Duque (2021), iniciativas da Organização Mundial da Saúde (OMS), como a *Information Network for Epidemics*, foram criadas com a finalidade de levar informações corretas de fontes oficiais das áreas da saúde em meio ao cenário caótico de mensagens sobre o coronavírus.

Esse contexto de excesso informativo também está correlacionado com os avanços das desinformações. Para Derakhshan e Wardle (2017), trata-se de um fenômeno de desordem informacional considerado mais amplo por envolver desinformação — conteúdos audioverbovisuais projetados com a intenção de distorcer, difamar ou mentir —, informações incorretas — mensagens que estão erradas, mas não foram desenvolvidas com essa intenção — e informação maliciosa — conteúdos que não se adequam ao contexto no qual foram projetados e acabam por tumultuar e desviar o foco. Ao nos atingir por todos os lados, a exorbitância de (des)informações expõe a necessidade do desenvolvimento de habilidades da competência midiática para as pessoas. Não só porque é fundamental saber lidar com esses conteúdos e apreendê-los criticamente, ponderando a qualidade do que se consome, a validade do que está sendo posto e os interesses por trás das mensagens, mas também pelo fato de que vidas estão em jogo pelas disputas narrativas travadas na conjuntura pandêmica e política.

Em 2022, a propagação do vírus mpox mostrou o limiar entre informar, desinformar e estigmatizar. Um vírus, cujos conhecimentos científicos relativos às suas características deixa dúvidas sobre o que pode ser esperado sobre a circulação e a transmissão, evidencia o desejo de autoridades de saúde ganharem repercussão com o objetivo de alertar a população e evitar que tenha efeitos nefastos como é o coronavírus. No entanto, os alertas oficiais da OMS estavam caminhando na direção da estigmatização de homens gays, bissexuais e que se relacionam sexualmente com outros homens (HSH), com delimitações da doença para determinados grupos sociais.

A partir de observações iniciais sobre a concentração de transmissão entre essa população, Tedros Adhanom, diretor-geral da organização, discursou, em conferência para a imprensa no dia 27 de julho de 2022, que HSH precisavam se prevenir para evitar o aumento da doença. Ao restringir os casos a um grupo específico, a fala oficial, tida como legítima pelo estatuto ocupado, afeta direta e simbolicamente pessoas que já sofrem com estigmas e violências advindas das normatividades e do passado da epidemia de HIV/aids, a qual emergiu discursivamente como um “câncer gay” ou “castigo pelo desvio” e amplamente divulgada midiaticamente pela imprensa desde os anos 1980.

Figura 1 – Vídeo Monkeypox outbreak, postado em 29 de julho de 2022



Fonte: World Health Organization (WHO) — YouTube (Monkeypox..., 2022)

No comunicado, Tedros Adhanom falou: “para homens que fazem sexo com homens, isso inclui, no momento, reduzir o número de parceiros sexuais, reconsiderar o sexo com novos parceiros e trocar detalhes de contato com novos parceiros para permitir o acompanhamento, se necessário” (Monkeypox..., 2022, 1min02s-1min19s, tradução nossa). Por ser uma doença viral cuja contaminação entre indivíduos se dá, sobretudo, pelo contato de pele com pele, ou seja, por meio do contato físico direto com as lesões no corpo, qualquer pessoa está sujeita ao contágio. Logo, como sabemos que marcadores sociais da diferença são demarcações construídas dentro da cultura, não há ligação possível que estreite uma doença viral a uma sexualidade. Como gesto para amenizar o perigo discursivo evidente na fala, Tedros completa, em seguida, com a contradição:

Embora 98% dos casos até agora estejam entre homens que fazem sexo com homens, qualquer pessoa exposta pode pegar monkeypox [mpox], razão pela qual a OMS recomenda que os países tomem medidas para reduzir o risco de transmissão a outros grupos vulneráveis, incluindo crianças, mulheres grávidas e aqueles que são imunossuprimidos (Monkeypox..., 2022, 1min20s-1min45s, tradução nossa).

Na mesma linha homofóbica, um boletim divulgado pela OMS direcionado ao mesmo público trouxe orientações e respostas para questões gerais sobre o estágio da doença no mundo naquele momento. Embora seja um documento com informações para todas as pessoas, independentemente de orientação sexual, desde o título — “Conselhos de saúde pública para gays, bissexuais e outros homens que fazem sexo com homens sobre o recente surto de monkeypox” (tradução

nossa) — já acentua uma simetria para atingir especificamente HSH. Outra característica do documento é sua semelhança com o formato de uma cartilha, apontando para o interesse injuntivo de orientação da população, mas com alvo específico em uma população⁵.

Baseado nesse contexto, questionamos: como o olhar crítico da literacia midiática pode apontar para competências necessárias de serem evidenciadas num cenário de desinformação e estigma, principalmente quando percebemos essas ações sendo propagadas por órgãos oficiais? Objetiva-se, assim, discutir como a literacia midiática pode potencializar a apreensão crítica sobre as informações e desinformações sobre o mpox. Para tanto, este texto caminha, a princípio, por uma breve introdução a essas bases teórico-metodológicas, visando observar como o campo de estudos da literacia midiática fornece elementos importantes para apreender o relacionamento entre pessoas e mídias, sobretudo em um contexto crivado por desinformação. Em seguida, partimos para análise e discussão das cinco categorias propostas por Mihailidis (2014) — acesso, compreensão, avaliação, apreciação e ação — como um constructo norteador para entendimento de contextos de doenças, direcionando, fundamentalmente, aos discursos da OMS.

Considerações sobre a literacia midiática

Borges e Silva (2019) nos auxiliam a entender a importância da literacia midiática em nossos contextos de intensa produção, circulação e compartilhamento de conteúdos informativos e midiáticos. Com a finalidade de fazer com que as pessoas elevem seus conhecimentos e, assim, consigam apreender as mídias e as informações que circulam por elas, bem como impactar nas decisões da vida e na conformação da cultura, as pesquisadoras conceituam:

a literacia midiática é definida como a capacidade de acessar, analisar e avaliar o poder de imagens, sons e mensagens que confrontam o sujeito contemporâneo, assim como comunicar de forma competente através das mídias disponíveis. O objetivo da literacia midiática é aumentar o conhecimento sobre as diversas formas de mensagens midiáticas presentes na vida contemporânea e ajudar os cidadãos a compreenderem a forma como as mídias filtram percepções e crenças, formatar a cultura popular e influenciam as escolhas individuais (Borges; Silva, 2019, p. 15).

Portanto, a literacia midiática proporciona com que cada um de nós possa exercitar a cidadania, participar de forma democrática e atuar na sociedade. Cabe salientar que, conforme Livingstone e Van Der Graff (2010), os efeitos da literacia midiática para a sociedade estão diretamente relacionados ao desenvolvimento de uma noção crítica e inclusiva, assim como alavancam os processos de aprendizagem, impactando simbolicamente na construção de significados para o mundo, e também na abertura de caminhos de criações e de mudanças.

Ao direcionar para a questão do impacto da literacia midiática no que diz respeito às informações, é possível perceber que, se uma pessoa não sabe lidar com o que recebe e consome, dificilmente filtrará e discernirá de modo crítico com o que está deparará, podendo retransmitir mensagens sem senso de desconfiança, assumindo-as como verdadeiras, ou interpretando-as

5 Material publicado pela OMS no site da Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO), em junho de 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/en/documents/public-health-advice-gay-bisexual-and-other-men-who-have-sex-men-recent-outbreak>. Acesso em: 26 jun. 2024.

equivocadamente. Agora, munido de tais habilidades, agirá, possivelmente, de forma mais direta, ativa e interventiva, ou seja, conseguindo produzir e compartilhar mensagens se pautando no pensamento crítico e na solução de problemas, bem como questionando o que parece muito estável, procurando outras fontes e informações confiáveis.

Ao entender que a literacia midiática é um processo contínuo de aprendizagem, Mihailidis (2014) nos ajuda a refletir sobre as relações entre as pessoas e as mídias no contexto atual da cultura digital e das plataformas. O pesquisador situa cinco competências pertinentes nesse processo, o que chamou de "5A's de literacia midiática": *acesso, compreensão, avaliação, apreciação e ação* (Mihailidis, 2014, p. 127, tradução nossa). Todos os 5A's estão sempre relacionados e se complementam.

Essas categorias propõem entender, conforme traduzimos, o *acesso* às mídias; a *compreensão* das autoridades, contextos e credibilidade; a *avaliação* de como as mídias retratam eventos e questões diversas, a *apreciação* pela diversidade de informações, diálogo, colaboração e vozes online; e a *ação* para se tornar parte do diálogo (Mihailidis, 2014, p. 127). Assim, essa visada interligada de competências nos indica uma proposta metodológica com ferramentas analíticas para se direcionar aos fenômenos, sendo que, no caso proposto neste artigo, voltamo-nos para os contextos da mpox a partir da comunicação pública da OMS.

Acesso às informações midiáticas sobre a mpox

Uma das dimensões propostas por Mihailidis (2014) se refere ao *acesso* às informações e mídias, tendo o intuito de entender as propriedades, barreiras e participações envolvidas nesse processo tão essencial para a sociedade. Essa categoria diz respeito, simultaneamente, da possibilidade de acesso às informações e às tecnologias.

Logo, temos que compreender que a origem das informações oficiais sobre saúde pública neste contexto de atenção mundial parte da OMS e, no caso da mpox, trata-se de uma cartilha e um pronunciamento para a imprensa com propósitos de acentuar os riscos da doença para um grupo específico de indivíduos. Ao partir das constatações observadas por especialistas, a organização produziu materiais cuja finalidade discursiva foi alertar as pessoas sobre o contágio, ao mesmo tempo que desejava coibir desinformações, sobretudo quando estamos imersos no contexto pandêmico da Covid-19.

Ao observar as dimensões de propriedade e as barreiras para acessar tais conteúdos, cabe questionar como a OMS estabelece controle sobre as informações apresentadas, isto é, se estamos diante de mensagens com estatuto validado a partir das quais se cristalizam estereótipos e estigmas sobre homens gays e bissexuais, mesmo que a fala oficial à imprensa se destine para jornalistas do mundo todo, o que já abre possibilidade de agendamento pelos veículos jornalísticos e pelas agências de notícias, sua reverberação permite com que o acesso se dê por outros meios de comunicação e alcance um público amplo. Com as plataformas digitais, sobretudo, o acesso à informação possibilita buscas e compartilhamentos instantâneos, o que, por um lado, facilita o alcance e a recepção, mas, por outro, pode ter impactos negativos para grupos colocados em condições de vulnerabilidade pelas marcas homofóbicas dos discursos de autoridades

da saúde. Assim, vale notar que o fato de o vídeo ser publicado no *YouTube* permite amplificar o acesso e tomar grandes proporções, ultrapassando, até então, mais de 40 mil visualizações.

Compreensão do contexto e dos processos simbólicos imbuídos

Neste processo de conscientização midiática, a *compreensão*, conforme Mihailidis (2014), é uma dimensão fundamental para os contextos, as ideologias, as representações e os valores que estão imbuídos nas construções e nos compartilhamentos de mensagens. Quando temos um cenário constituído por uma infodemia, é necessário ter atenção à mídia e sua função de mediação. Com isso, nas mídias, são organizados processos simbólicos em normas, questões culturais, valores e representações para as pessoas, grupos sociais e fenômenos. Diante disso, conforme Mihailidis (2014), cabe destacar que os meios de comunicação são responsáveis por atribuir representações a temas e coisas do mundo, estabelecendo determinados estereótipos e empenhando-se em manter ou desfazer certos valores culturais. Nesse sentido, cabe a ênfase dada por Silverstone (2002) ao estudar às mídias que considera que nós não escapamos a elas, uma vez que as mídias nos fazem e nós as fazemos, em uma relação em co-constituição que participa da produção de conhecimento e representação do mundo.

Ao aproximarmos essa dimensão no cenário da mpox, notamos que os estigmas se ampliam com a atribuição de significados sobre a doença em um contexto social de violências, marcação de doenças e abjeções para sexualidades não-heterossexuais. Mesmo que a ameaça da mpox seja considerada menos catastrófica do que a pandemia de Covid-19, a cobertura jornalística dos casos de mpox evidencia o alerta para um movimento de tipificação de grupos sociais e a associação da doença à sexualidade, que traz consequências prejudiciais na sociedade pela estigmatização (Procópio; Vieira Filho, 2023). A situação se torna mais problemática quando se nota que as informações são demarcadas a partir de um órgão oficial, a OMS, cujo estatuto de credibilidade internacional intensifica a validação de seus discursos. No vídeo mencionado, Tedros Adhanon estabelece sistemas de valores em suas falas, assim como na cartilha, cujos elementos assinalam o desenvolvimento de mensagens estereotipadas. Nessa toada, a marca dos estigmas ganha tônus para violentar sujeitos que não se enquadram nas normas hegemônicas da heterossexualidade em nossa cultura, de tal forma que são vistos como erro, falha, problema coletivo ou anormalidade, que precisa ser corrigido e regulado, sendo uma das formas pela saúde.

Não à toa, o fato de a demarcação ser exclusivamente, no primeiro momento, para grupos de HSH, gays e bissexuais reduzir o número de parceiros e reconsiderarem novas relações demonstra como a não-heterossexualidade é vista como um transtorno social. Por que a indicação da OMS não foi para todas as pessoas desde o início da fala e da cartilha? Trata-se de uma doença viral, cujos sintomas, como mencionamos, fazem com que a transmissão se dê pelo contato direto com as feridas. E, ainda, é uma questão de interesse coletivo, pois a transmissão viral é passível para todas e todos em situação de vulnerabilidade.

A validação da OMS como fonte oficial de informações sobre saúde pública solidifica sentidos ao que deseja assinalar e circular publicamente. As escolhas da organização podem contribuir na criação, manutenção e reverberação de acepções pejorativas para pessoas e grupos sociais. Vale frisar que, historicamente, sobretudo com a epidemia de HIV/aids nos anos 1980,

homens gays e HSH são alvos frequentes das normas culturais que regem às sexualidades e tentam marcar sobre os corpos o que é considerado bom, correto e aceito na sociedade em termos de valores, representações e significados. Dessa maneira, ações pedagógicas são exercidas sempre, durante toda a vida, por diferentes organizações — e, aqui, as mídias são incluídas —, direta ou implicitamente, como se deve ser e viver “heterossexualmente” (Louro, 2019, 2020). Essa afirmação nos indica como são processos que transcorrem e agem sobre todos nós, mas em corpos que “desviam” das normas, a ação impacta na tentativa de pedagogizá-los, corrigi-los, violentá-los. As mídias são locais em que os processos simbólicos e as representações sociais se incorporam ao social com atribuição do que é aceitável e não aceitável, o que, por sua vez, exige de nós competências para discernir os valores e os significados mobilizados, bem como questioná-los.

Em vista dessas considerações, a partir das próprias perguntas elaboradas por Mihailidis (2014) sobre a dimensão da compreensão, analogamente, devemos questionar: quais são as principais representações sociais atreladas à mpox sobre a homossexualidade? Por que a doença é posta como correlata às relações sexuais estritamente entre homens? Em que as afirmações da OMS, amplamente reproduzidas pelas mídias em todo o mundo, limitam o entendimento da doença e das sexualidades? Quais valores circulam por essas mensagens e o que evocam? Em diálogo com a competência de compreensão, essas são algumas das perguntas que podemos lançar para tentar apreender os valores, as representações, as ideologias e os contextos colocados em cena nos discursos públicos da OMS.

Avaliação das informações e construção de sentidos

Do ponto de vista da *avaliação*, a discussão dos 5A's da literacia midiática chama atenção para os aspectos das audiências, das fontes, da fidelidade e dos propósitos das informações que circulam nas mídias. A partir dessa ideia, o interlocutor deve conseguir identificar como essas mensagens são elaboradas de diferentes formas para alcançar diferentes públicos e construir diferentes sentidos. Mihailidis (2014) propõe que esse exercício possa ser feito a partir da comparação entre produtos de comunicação, avaliação de suas técnicas de produção e decomposição de seus atributos, na tentativa de compreender sua produção de sentido.

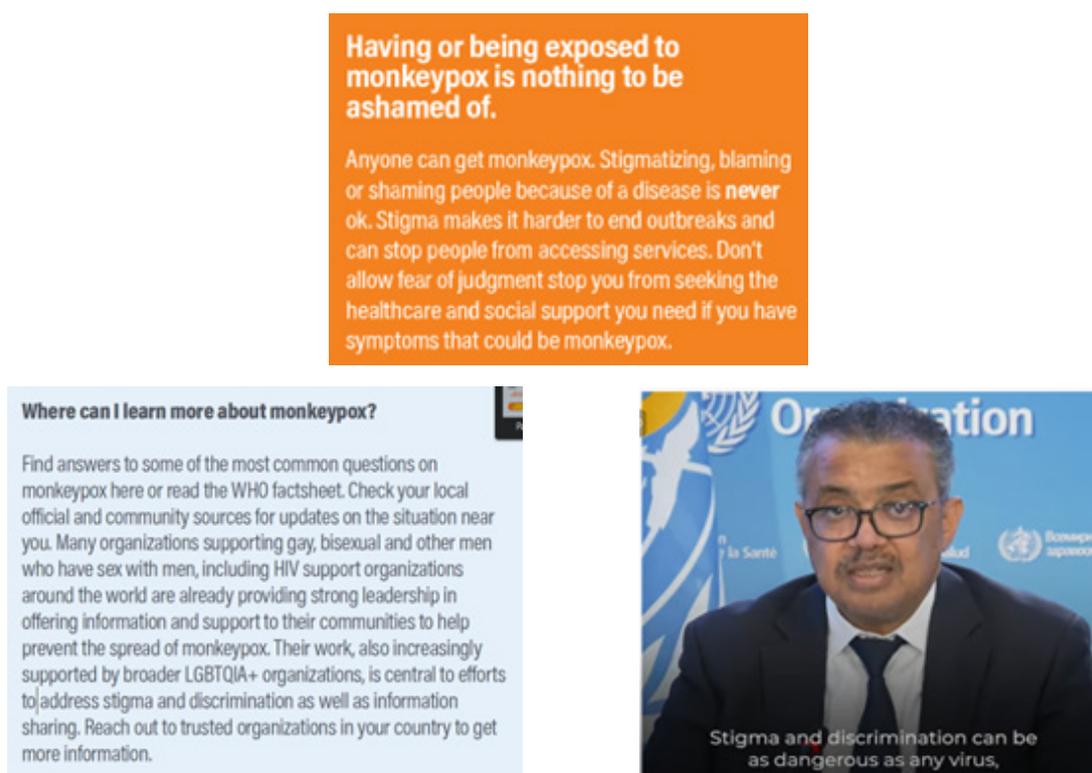
No contexto apresentado, é possível observar que tanto o vídeo do diretor-geral da OMS, quanto a cartilha têm como propósito geral informar sobre o surgimento do surto de mpox, emitindo alertas para a sociedade e os Estados. Enquanto o vídeo apresenta orientações gerais, a cartilha traz informações detalhadas acerca dos sintomas, da disseminação e dos tratamentos sobre a doença, na tentativa de diminuir os riscos de contágio. No vídeo, o diretor se direciona à imprensa e, conseqüentemente, ao público geral, enquanto a cartilha já indica no título o público pretendido: gays, bissexuais e outros HSH. Durante o vídeo, contudo, o diretor também fala diretamente para esses grupos. Esses contornos nos dão indicativos preliminares das fontes e das audiências envolvidas na questão.

Ao sabermos que a OMS é uma agência de abrangência global no campo da saúde, o que for disseminado por ela carrega, automaticamente, caráter de autoridade, uma vez que é a própria produtora das informações que distribui. Conseqüentemente, uma coletiva de imprensa

após o anúncio de uma emergência de saúde de caráter global é um acontecimento que, por si só, alerta diversos públicos. A cartilha, por sua vez, tenta chamar atenção, sobretudo, pelo título anteriormente mencionado e se vale de cores alegres e com alto contraste na primeira página. Além disso, a forma como o texto é organizado, por meio de parágrafos, tópicos curtos e subseções “O que você precisa saber sobre monkeypox” e “Perguntas feitas frequentemente”, visa facilitar a leitura por um público geral, bem como estabelece uma linguagem injuntiva no sentido de aconselhar e direcionar as pessoas.

Em ambos os casos, a OMS tenta tocar na questão do estigma, conforme a figura abaixo.

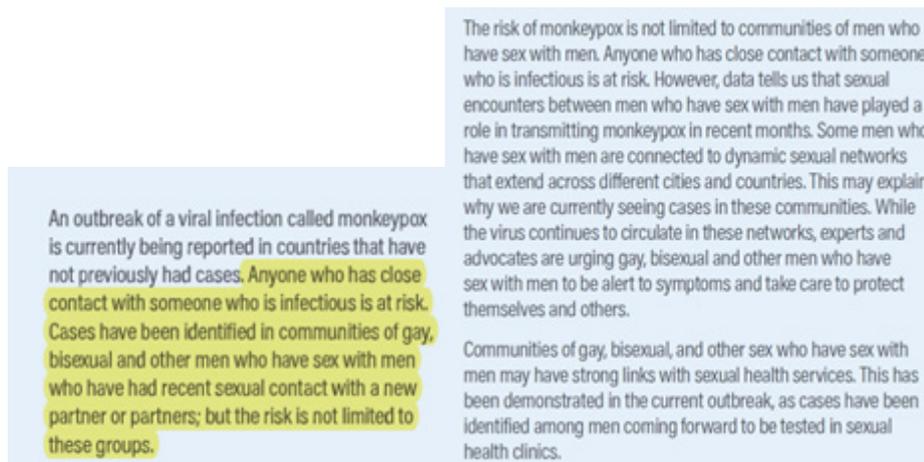
Figura 2 – Captura de tela de trechos do boletim e do vídeo



Fonte: World Health Organization (WHO)

Contudo, conforme Mihailidis (2014), um dos pontos-chave para o processo de avaliação é questionar aquilo que é deixado de fora da mensagem. Durante a coletiva, Tedros apresenta a busca por informações por países, pelas comunidades e pela população em geral como possibilidade de interrupção dos casos, além de mencionar que os riscos sejam levados a sério e que as orientações sejam cumpridas para evitar a transmissão. Em seguida, informa que a melhor forma de fazer isso seria evitando o risco de exposição, tomando melhores decisões para si e para sua comunidade. Direciona-se, subitamente, aos homens que transam com outros homens (que não são mencionados anteriormente no vídeo), explicando que, para esse grupo, essa decisão inclui, naquele momento, uma redução do número de parceiros sexuais, uma reconsideração sobre transar com novos parceiros e uma troca de informações de contatos com novos parceiros para ser possível a realização de rastreio, se for necessário. Explica, então, que, embora 98% dos casos até aquele momento terem se manifestado nesse grupo, qualquer pessoa que seja exposta pode contrair a doença. O boletim segue um movimento similar, como destacado na figura a seguir.

Figura 3 – Captura de tela de trechos do boletim



Fonte: World Health Organization (WHO)

Apenas comentar sobre a importância de uma não estigmatização não é suficiente. Álvaro Sousa, Anderson Sousa e Inês Fronteira (2022) chamam atenção para o histórico da construção de estigma em torno de grupos específicos durante crises epidemiológicas, destacando o que foi vivenciado durante a emergência de casos de HIV/aids na década de 1980, que impactou e impacta até hoje a vida das mesmas pessoas a quem a OMS direciona sua comunicação no caso da mpox. Ao tomar esse gesto, a OMS corre o risco de individualizar um problema, pautando experiências de sexualidade que se deslocam dos ideais de heteronormatividade enquanto alvos, referendando dimensões cristalizadas de significados pejorativos.

O que os autores pontuam é que se faz necessária uma comunicação que consiga separar o aspecto de intervenções na saúde (prevenção, tratamentos etc.) dos aspectos que caracterizam grupos específicos para que o estigma que a OMS apresenta como tão perigoso quanto o vírus não seja construído ou se perpetue (Sousa; Sousa; Fronteira, 2022). Assim, ao não se aprofundar na questão sócio-histórica do estigma contra HSH e se direcionar, descontextualizadamente (como as próprias informações disseminadas deixam transparecer: “o risco não está limitado a esses grupos” e “qualquer pessoa pode contrair a doença”) a esse grupo específico, a estratégia discursiva da OMS pode operar para o fortalecimento de movimentos discriminatórios.

Apreciação para construção de senso crítico e espaços de diálogo

A dimensão da *apreciação* engloba as discussões em torno da contribuição das mídias para a construção da sociedade civil, na medida em que possibilitam a oportunidade de aprendizado sobre múltiplas culturas e pontos de vista. Além de uma oportunidade, tal perspectiva se atenta, também, para o gesto de responsabilidade que deve perpassar a produção midiática. Portanto, a literacia midiática deve contribuir para a construção de pensamento crítico e zelar por uma mídia que se preocupe com a diversidade.

A *apreciação* opera como marcador-chave para que o interlocutor, munido pela literacia, possa colaborar com a construção de um ambiente midiático mais saudável. Por consequência, esse interlocutor, no contexto do anúncio da emergência de mpox, conseguiria refletir, por exemplo, que a OMS poderia ter estabelecido outra estratégia de comunicação, informando o cuidado ao evitar múltiplos parceiros (ainda que não seja a única forma de transmissão do vírus) sem contribuir para elevar o estigma contra HSH. Ao compreender os perigos e a violência potencial do gesto da OMS, esse interlocutor poderia, ainda, buscar outras perspectivas que criticassem essa tomada de decisão, se valendo da literacia para discernir posicionamentos críticos de desinformação.

A partir desse entendimento, a dimensão de apreciação na literacia midiática pode operar, ainda, para que esse interlocutor questione a possibilidade de contribuição de sua própria voz para o debate. Assim, essa dimensão permite que as oportunidades de diálogo presentes nas novas mídias apareçam. Como consequência desse movimento, o último "A", *ação*, opera para o direcionamento de tais aprendizados na construção de um ativismo direcionado, especificamente, para um horizonte de melhoria de nossos contextos sociais. Essa dimensão orientará a construção de uma participação ativa na sociedade, uma vez que, para Mihailidis (2014), a mera construção de senso crítico sem que haja um componente de ação prática no mundo culmina em perspectivas cínicas ou derrotistas.

Ação para promoção de transformações nos contextos

Para Mihailidis (2014), essa dimensão está relacionada às contribuições concretas do uso de nossas vozes para que as análises que a literacia midiática nos permite tecer tenham impacto no mundo. Para isso, parte-se do entendimento primário de que cada pequena ação que tomamos nos contextos midiáticos possui consequências e contribui para a manutenção ou a transformação do cenário em que nos encontramos: cada clique, cada compartilhamento, cada leitura.

Um interlocutor com literacia midiática poderia tomar ação, por exemplo, vindo a público em suas redes, a partir dos questionamentos estabelecidos no tópico anterior, fazendo coro às demais vozes que compreendem os riscos que a comunicação da OMS apresentava, no momento, alertando sobre as formas de contágio ou sobre as consequências sofridas pela comunidade durante a emergência do HIV. Poderia, ainda, se valer das ferramentas disponíveis para cobrança de um gesto comunicacional mais sensível aos homens gays e bissexuais pelas autoridades competentes.

Também estaria englobado nessa dimensão o gesto de se conectar com a comunidade LGBTQIA+, compreendendo o papel desempenhado por ela e por si próprio, dialogando e contribuindo para as demandas pautadas pelo grupo. Agir e pensar coletivamente, de maneira consciente e organizada, colabora com a circulação de conhecimentos e contribui na ampliação do alcance da literacia midiática. Ao convidar círculos sociais próximos a questionar intencionalidades, estereótipos, ideologias e valores, com embasamento informativo e científico, podemos despertar em outros o pensamento crítico necessário para a convivência com as mídias que nos é cobrada no contemporâneo e evitar que, em situações de uma emergência comunicacional equivocada, discursos nocivos a determinados indivíduos e grupos se mantenham em circulação.

Conclusão

Se não houver um processo de literacia midiática, uma leitura superficial dessas peças comunicacionais pode não compreender as nuances presentes na emergência de casos da mpox. A capacidade de discernimento dos valores que permeiam as mensagens compartilhadas por órgãos de saúde, as representações culturais projetadas pelas mídias e quais os contextos que se interligam à mpox estão diretamente relacionados às possibilidades de construção da cidadania. Conseqüentemente, o desenvolvimento da literacia midiática emerge como demanda para a colaboração com o rompimento de ciclos de estigma, preconceito, violência e homofobia.

Neste artigo, apreendemos as possibilidades da literacia midiática enquanto horizonte teórico-metodológico para a compreensão de competências demandadas em cenários de desinformação e proliferação de estigmas. Para isso, inicialmente, apresentamos a emergência da mpox e as tensões comunicacionais que aparecem a partir do posicionamento da OMS. Em seguida, tecemos um breve panorama do campo de estudos da literacia midiática e sua relevância nos contextos contemporâneos para nos aprofundarmos na concepção de Mihailidis (2014) que embasou a análise proposta a partir das cinco competências midiáticas elaboradas pelo pesquisador. Finalmente, descrevemos como cada uma das competências (acesso, compreensão, avaliação, apreciação e ação) pode contribuir para o aprofundamento do entendimento do fenômeno estudado.

Ter consciência das relações e das complexidades envolvidas na criação e circulação das informações — sobretudo ao discutir um assunto de saúde pública que torna todas as pessoas vulneráveis à falta de conhecimento preciso sobre prevenção, transmissão e sintomas —, configura a literacia midiática enquanto processo essencial para entendimento dos fenômenos e do desenvolvimento de narrativas no mundo. Ainda com muitas questões abertas pela comunidade científica, a mpox está em um cenário que retoma problemas já conhecidos historicamente ao atribuir culpa e responsabilidade sobre determinados grupos sociais pela transmissão. Assim, a literacia midiática se torna aliada para evitar que perigos, como os notados nas falas oficiais da OMS, sejam apenas reproduzidos como preconceções, e não questionados pela população, de forma ponderada, assim como na reivindicação de políticas públicas de atenção para pessoas em condições potenciais de vulnerabilidade.

Referências

- BORGES, G.; SILVA, M. B. Apresentação. *In*: BORGES, G.; SILVA, M. B. (Orgs.). **Competências midiáticas em cenários brasileiros: interfaces entre comunicação, educação e artes**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, p. 13–28, 2019.
- DERAKHSHAN, H.; WARDLE, C. Information disorder: definitions. *In*: Understanding and addressing the disinformation system, 1., 2017, Filadélfia. **Annals...** Filadélfia: University of Pennsylvania, 2017. p. 5-12. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2018/03/The-Disinformation-Ecosystem-20180207-v2.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- DUQUE, B. B. L. **O vírus e seus males periféricos**. 2021. Disponível em: <https://medium.com/cultura-digital-compet%C3%A2ncia-midi%C3%A1tica/o-v%C3%A9rus-e-seus-males-perif%C3%A9ricos-12e0121d73cf>. Acesso em: 29 nov. 2022.
- LIVINGSTONE, S.; VAN DER GRAAF, S. Media Literacy. **The International Encyclopedia of Communication, First Edition**, [S. l.], p.1-5, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781405186407.wbiecm039>. Acesso em: 26 jun. 2024.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 7–42, 2019.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MIHAILIDIS, P. The 5A's of media literacy: a normative model for the emerging citizen. *In*: MIHAILIDIS, P. **Media literacy and the emerging citizen**: Youth, engagement and participation in digital culture. Berna: Peter Lang, p. 126–148, 2014.

MONKEYPOX Outbreak. Produção de World Health Organization (WHO). [S. l.]. 2022, 2min52s, son., color. Disponível em: <https://youtu.be/GujwQoVljOI>. Acesso em: 1 nov. 2022.

NASCIMENTO, I. J. B. *et al.* Infodemics and health misinformation: a systematic review of reviews. **Bulletin of the World Health Organization**, [S. l.], v. 100, n. 9, p. 544, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.2471%2FBLT.21.287654>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PROCÓPIO, M. R.; VIEIRA FILHO, M. J. Da aids à mpox: Sentidos sobre homossexualidade em processos simbólicos estigmatizantes. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, v. 17, n. 2, p. 57–72, 2022. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/539>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SOUSA, A. F. L.; SOUSA, A. R.; FRONTEIRA, I. Varíola de macacos: entre a saúde pública de precisão e o risco de estigma. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S. l.], v. 75, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167.2022750501pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.